

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 23 de novembro de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

EXERCICIOS ELEMENTARES DE LEITURA

Um dos professores officiaes que no nosso concelho mais se salientam, pela sua feição essencialmente trabalhadora e devotado amor á instrução popular, é, incontestavelmente, o sr. Francisco Valle, que na freguezia de Manhente, exerce ha bastantes annos e com notavel competencia, o espinhoso cargo de educador da infancia.

Quer no campo theorico, nos livros que tem publicado, quer praticamente, na sua escola que proficientemente dirige, e de onde sahem os alumnos com uma habilitação segura, sem receio dos examinadores terroristas, é sempre o mesmo profissional, distincto e elevado.

Assim, tanto no seu «Methodo d'escripta», que publicou ha tempos, como agora nos seus «Exercicios Elementares», elle demonstra claramente a sua muita competencia e o seu intelligente *savoir-faire*.

E' um dos raros que no nosso meio, merecem com justiça os applausos do publico e da imprensa.

E, por ultimo, os nossos agradecimentos pela offerta.

Uma aventura do Juca

O Juca, que por varias vezes nos tem dado occasião de apreciar a desinteressada e leal amizade que o liga aos seus affeioados, é, tambem, um verdadeiro homem de sociedade.

Se vivesse na Inglaterra seria um correcto *gentleman*; aqui, onde as boas qualidades não tem o justo apreço, passa quasi desaperecebido no meio de nós todos. Quando muito, cha-

mam-lhe um bom conversador com *verve* e ironia.

Mas não é porque entre nós abunde quem tenha as magnificas *prendas*—chamemos-lhe assim em estylo feminil—com que as suas especiaes aptidões e natureza o distinguem dos seus amigos e companheiros.

Raro se encontra quem, como elle, reuna tantos variados e complexos predicados—d'espirito e educação.

Elle toca piano, violão, flauta, violino, joga o bilhar, a bisca, o solo, o voltarete, dança valsas, polkas e mazurkas, caça muito correctamente tanto coelhos ou lebres, como perdizes ou melros, conhece os symbolos clinicos do acido azotico, do sulfurico, do chlorhydrico, é amigo do Reynaldo Varella e, emfim, as-sobia com muito gosto e até bota fumo pelo nariz!

Nem mais, nem menos. Todas estas coisas faz o Juca, com geito e perfeição.

O que a nós nos interessa mais, comtudo, são as interessantes peripecias que, na exhibição d'aquellas suas qualidades, por vezes lhe têm succedido.

Ainda agora recebemos uma sua carta em que elle nos narra um caso que lhe succedeu e que mais parece uma phantastica historia sahida da fertil imaginação de Emilio Richebourg ou de Xavier de Montépin. No entanto, garantimos a sua veracidade.

Meu caro redactor:

Um bello dia, em que o Sol, em raios fulgurantes espalhava pela terra o brilho do seu encanto inexcédível, andava eu á caça com o João Freitas e o Joaquim da Cunha. Depois de saltarmos montes, valles e charnecas, fomos ter com os costados a umas propriedades proximas de Balugães. N'um certo momento, em que eu estava muito preocupado a examinar a atmosphera, a ver se lobrigava alguma caça, depara-se-me na minha frente, á distancia d'uns trez metros, um enorme urso preso a uma arvore com umas relativamente, bem frageis correias!

Não se imagina o terror que immediatamente se apoderou do meu espirito. Olho mais ao longe e vejo uns pequenos macacos, que, completamente soltos, davam continuamente *mil*

saltos e cambalhotas. Um pouco distante estava muito descaçado, um typo de feições selvagens e com gestos de quem estava costumado a viver com aquellas companhias.

Cheguei a acreditar n'aquelle momento que me encontrava em pleno sertão d'África, sujeito, como qualquer explorador audaz ás crueldades dos seus habitantes. E no meu já febril pensamento imaginei-me estrangulado, feito aos pedaços e devorado por aquellas carniceiras feras.

N'isto, solto um grito terrível: «aqui d'el-rei!». O homem, que estava perto dos animaes, percebendo a minha atrapalhação, sahi da panchorra em que estava para me dizer n'um portuguez muito estrangeirado: «Não haja medo. Póde passar». E começou a acariciar os animaes que, ao redor d'elle, pulavam muito satisfeitos.

Então, percebi todo o extraordinario do meu terror; em vez de estar n'um mattagal de feras, como suppozera, encontrava-me unicamente em frente d'um acampamento d'esses ambulantes domadores de feras, que percorrem o mundo com alguns animaes selvagens, explorando a pasmacceira e curiosidade dos provincianos bacôcos. Informando-me melhor, vim depois a saber que aquella *menagerie* que tanto me tinha assustado, vinha de Vianna para Barcellos e escolhera aquelle sitio para repousar do cansaço da viagem e passar a noite.

Ainda hoje, sr. redactor, quando me lembro d'isto, quasi que se me arripiam os cabellos!

Juca.

P. S.—Só em Barcellos tornei a ver os meus dois companheiros. O cazo cheirou-lhes a esturro, e deram a toda a brida não para a villa de Diogo, como se costuma dizer, mas sim para a villa de Barcellos.

Quando encontrei o Freitas, ainda o vi pallido, offegante, com os cabellos levantados e o olhar de tal modo desvairado, que me causou um terror inexplicavel. Lembrei-me logo do urso e dos macacos!

Juca.

UM PUNHADO DE MENTIRAS

Havia antigamente n'esta villa um medico que embirrava solemnemente que os seus clientes o consultassem n'outra parte que não fosse a sua casa.

Assim, todo aquelle que se atrevia, em plena rua ou em qualquer estabelecimento em que elle se encontrasse, a perguntar-lhe o melhor tratamento a seguir n'esta ou n'aquelle doença, recebia invariavelmente a mesma resposta:

«Vá ao consultorio».

N'uma occasião em que elle estava n'uma

pharmacia qualquer, entrou um sujeito e consultou-o acerca d'uma doença d'estomago que trazia ha muito tempo. O dr., que n'esse dia estava de bom humor, disse-lhe affavelmente:

—Pois sim. Mostre a lingua e feche bem os olhos para lhe examinar as palpebras.

Dito isto, e logo que o homem cumpriu as suas ordens, escapou-se surrateiramente para a rua e d'aqui p'ra casa, enquanto que o typo, de bocca aberta, era causa de galhofa para todos os transeuntes que rompiam em sonoras gargalhadas ao ver tão ridiculo espectáculo.

*

Outro dia, quando passavamos á porta da casa onde habita o Adolpho Cibrão, ouvimos este nosso amigo gritar em altas vozes:

«Aqui d'el-rei, ladrões. Ladrões, aqui d'el-rei. Querem-me assassinar. Mataram-me. Acabei!».

Atrapalhados com estes brados de alarme subimos as escadas n'um pulo e vamos encontrar o Cibrão a passear no quarto, e sempre a pedir soccorro, a dizer que o roubaram!

Estavamos quasi a acreditar que tivesse enlouquecido, quando elle nos diz ás gargalhadas: «Então não vêes que estou a recitar os versos que o Avarento dizia, na melhor parte d'aquelle obra de Molière? Valha-te Deus!...».

Nós cahimos das nuvens e estivemos vae não vae, nem dizemos para quê... .

*

No espelho do Café Mattos, está escripto, com bom legiveis caracteres: «Hoje, quimo ás 7 horas. Café Central».

Na ultima quinta-feira entrou lá um laponio e depois de ler com muita attenção aquelle reclamo, pediu, com grande embofia:

—Tragam-me um café central.

O extravagante freguez, que, pelo visto, tinha talento como burro, pensou que Café Central era alguma especialidade da casa... .

*

No primeiro anno em que se aquartellou n'esta villa o 2.º bat. do regimt.º do 20, estava n'elle um capitão, muito conhecido pelos seus conhecimentos photographicos, pelos quaes tinha um verdadeiro fanatismo—n'aquelle tempo em que, os amadores photographicos, precisavam ter uma paciencia e coragem, por assim dizer, á prova de fogo, em vista do atraso, relativo, em que ainda ha poucos annos se encontrava a arte de Daguerre.

Aquelle official, que estava hospedado no hotel Cardoso, por essa occasião estabelecido ao Jardim, era muito considerado pelos seus modos affaveis e bons sentimentos. Tinha o habito de elogiar a todos os seus conhecidos a velocidade e presteza com que um seu camarada satisfizia todas as suas ordens.

Um dia, em que convidara para jantar alguns amigos, chamou o veloz sorveçal e mau-

A LAGRIMA

dou-o á tabacaria, então do Rocha, buscar charutos d'uma certa marca. «Vão ver, diz elle para os amigos, a rapidez com que elle apparece aqui com os charutos». E começou a indicar o caminho que o camarada ia seguindo, como se estivesse a examinar todos os passos que elle dava. «Elle ali vai a atravessar o Jardim... agora entrou no Campo da Feira... está a chegar á porta do Anselmo... passou o Senhor da Cruz... entrou na Calçada... já vai na rua Direita... agora entrou na tabacaria e pediu os charutos... já está a chegar ao fim da rua Direita... entrou agora mesmo no Campo da Feira... passou o Jardim... eis que sinto passos!... E apparece á porta da sala a figura aparvalhada do camarada.

—Eil-o!, exclama sorridente, o capitão, para os amigos.

—Oh! meu capitão, diz o impedido, como se chamam os charutos?

—Oh! grande burro, então ainda não foste?

—Não senhor. Tinha ido lá cima calçar as botas! ..

Imagine-se o modo como ficaria o pobre do capitão, com aquella espantosa velocidade do seu maravilhoso criado...

Secção dedicada ás criadas de servir

N'outro dia uma servical ladina parodiou o «homem publico» da peça *Barcellos por dentro*, d'esta maneira:

«Eu não sei como certas criadas de servir em Barcellos podem luxar, Franquezal! Ellas ganham 12\$000 reis de soldada por anno e, as que ganham muito, recebem 1\$500 por mez, pois vão a todas as roberias, e a respeito de roupa e do *bô* e do *melhor*.

Eu não sei!! Parece impossivel como umas vivem e como outras não morrem!

A gente vê-lhe a rica saia de merino e de *armure*, o lenço de seda caro, a fina chenella pespontada a retroz, a boa meia de fio de escocia, o elegante guarda-sol de seda, o saíote janota...

Franquezal! eu não sei como umas vivem e outras não morrem!

E dizem ellas: «a gente anda assim modestamente vestida, porque as posses não permittem mais.

Como se ha-de com 1\$000 reis ou 1\$500 por mez andar bem vestido!!

E' não passar d'isto!

Raça de desavergonhadas!

Ha raparigas muito finas que é pena não terem estudos.

Pode-nos o nosso amigo e collega de redacção, sr. Arthur Vieira, para declararmos não serem verdadeiras umas correspondencias para

os jornaes do Porto «Luz do Commercio» e «Provincia», em que o indigitam como redactor principal d'um semanario que devia apparecer no proximo dia 1 de dezembro n'esta villa.

É, sim, convidado para esse cargo, que regeitou, e prestou-se de bom grado a collaboral-o, constando-lhe agora que o mesmo jornal não verá a luz da publicidade.

No entanto agradece penhorado aos correspondentes d'aquellas gazetas as lisongeiras referencias que se dignaram fazer-lhe.

Secção litteraria

Temos hoje a honra de inserir nas nossas columnas duas formosas quadras d'um nosso bom amigo, que nos ultimos tempos se tem dedicado com grande aproveitamento ao cultivo das Musas.

Os versos que seguem, demonstram claramente que o seu auctor é um dos poucos que ainda entram com felicidade no sagrado recinto do Parnaso, logar reservado apenas para os geniaes eleitos da Arte.

Eil-os:

Era noite. A lua era coberta
por uma néblua espessa
Estava frio, prestes a vir chuva
e só um vulto caminhava na rua.

Essa rua era o Campo da Feira
O vulto approximou-se d'uma casa e bateu
primeira, segunda e terceira.
Ninguém lhe respondeu.

Estava prestes a abandonar o seu posto
Quando surge á jurella um rosto
E perguntava do 2.º andar: quem é?
Respondeu: papagaio! da cá o pé...

≡

Tambem abaixo inserimos uma bella prosa d'um nosso amigo velho, escripta ao gosto do seculo XIV.

Nós—dizemol-o com inteira sinceridade—não sabemos o que mais se deve admirar n'esses formosos trechos, se a belleza e elegancia do estylo, que ultrapassa tudo que de mais bello se pôde imaginar, se a abundancia de ideias e pensamentos com que o seu auctor enriquece o merecimento da sua apreciavel produção.

Um bravo ao nosso amigo, que ainda hoje, não obstante o peso dos annos com que a Natureza o vem sobrecarregando, seria capaz de escrever uma obra como esta, cheia de sentimento artistico e litterario.

Sogne a produção do nosso amigo:

«Era noite, o sol raiava por entre as claras trevas do escuro dia: as estrelas desprendiam-se do Firmamento e suspezas por arames invisiveis aos raios do Sol, hiam escurecer as tur-

A LAGRIMA

bidas atmospheras dos pavilhões terraquios pela influencia das clinicas do sol, que de combinação com os fogos aquaticos da materia electrica aglomerada no mar gelado da America setemptrional, produziu um metheoro escuro á prova de bomba.

As methamorphezes cambiantes do magnetismo social tem produzido no globo uma alteração solfurina tal, que as batatas do actual sementeira tem um aspecto altamente coruscante.

O obscurantismo eperbolico das sciencias naturaes está tão descurado que os professores authomatos das regiões hyperbolicas estão a pontos de dezamparar as respectivas bachiras authographos preliminares.

Conjuntivamente auctorizado pela Junta de saude do Reino, posso asseverar que as éphemerides artificiaes da glandula pincal estão obsecadas confluentemente, e os emispheros articulares do corpo humano, obscurecendo espantozamente com os calcinantes zimbórios terraqueos das bibliothecas photographicas, acham-se a tal ponto obstruidos de materias caliginozas, que o dezabamento ultramarino é inevitavel.

A cêrca da Politica externa direi; que os Paizes alcoolicos da Allemanha acham-se na prezente estação tão subordinados ás ideias liberaes do Reino, que está planizando as petrificações das luctas do medyterraneo, que conseguem reduzir quasi todos os Princepes do Oriente ao gremio adulador das invectivas austriacas do Globo abstracto do mar roxo, e convergindo em christalinas agôas as forças caudinas para o centro do Equador obstruiram o canal das Antilhãs peninsulares, apresentando uma fortissima Esquadra nos Alpes; de que resultará a inevitavel queda do Imperio hyperbolico do Reino vizinho; attendendo ás ideias antispasmodicas do actual reinante.

Por hoje nada mais.

Barcellos, 23 de julho de 1866.

Triunpho é Copas

Por aqui e por alli

—Fulano, anda d'ahi jantar comigo, porque o que chega pr'a doua chega pr'a um...

—Cumulo: ser convidado para beber uma garrafa de vinho e agasalhar debaixo do casaco duas.

—Antonio Ribeiro Silva, de Praga, ferreiro, assignou expontaneamente a «Lagrima», porque nem sempre o ferreiro dá aos foles, lê, tumbem, como qualquer outro mortal. Apresentou-se lhe o recibo, não pagou. O malandro não é bem da cidade, mora abaixo de Braga, pr'a onde, naturalmente, o destiao o empurrou.

A' Ex.^{ma} Camara:

Pedimos que sejam dadas providencias no sentido de ser caiado o interior repellente d'uma das barracas (ou que melhor nome tenham) da Praça, em que habita uma regateira.

A Ex.^{ma} Vereação, que, quanto a melhoramentos, quer no edificio dos Paços do Concelho, quer na questão d'aguas e outros, tem-se desempenhado patrioticamente do seu mandato, ha de attender ao nosso appello; porque a limpeza Deus a amou.

Secção dedicada aos barbeiros

Lê-se na «Voz Publica» de sexta feira, devido á penna do notavel critico sr. Silva Pinto, o seguinte *suelto*:

—Devem-se obrigar os barbeiros a desinfetar as navalhas, por modo que um freguez limpo não esteja em perigo de receber syphilis de um sujo e outras molestias de outros: e fortes multas sobre os barbeiros relaxados que deitam salão de luxo, sem desinfeção, — como aquelles janotas que não lavam os pés e lançam agua de colonia nas meias fedorentas.»

EXPEDIENTE

Não podemos hoje publicar a gravura do costume por nos ter chegado tarde ás mãos, do que pedimos desculpa aos nossos estimados assignantes.

Com uma casa regular foi hontem á scena no nosso theatro o espectáculo annunciado em beneficio do actor Santos, cego, pela companhia infantil, do Porto.

A orchestra deixou, em parte, a desejar, por não ter havido ensaio de todos os n.^{os} do espectáculo e, mais, por ter faltado o maestro, annunciado, que devia conhecer a muzica e as vozes das crianças.

Porque, com os rapazes nem o Diabo quiz nada!

De mais, deve haver prudencia entre musicos, actores e publico.

Um tal sr. «Ariqvílo» vem publicando ha tempos no nosso estimado collega a «Folha da Manhã», umas parlendas quaesquei, que nos dizem ser a historia da triste vida do caixeiro (peior ainda é a do marujo).

Ora com franqueza, de todo aquelle amontado de palavras retumbantes ainda só percebemos umas referencias banaes á Primavera — que, como sabem, é o ponto de partida da historia do caixeiro.

Parece-nos que o seu auctor quer dizer alguma coisa mas não sabe bem o quê.

Explique-se, homem; diga das suas.

No entanto, avantel! Assim é que se principia!